
Inovação, Resistência e Antropofagia: Experiência do Ilê Axé Ogum Karé na Promoção da Cultura Afro-Brasileira Através do Laboratório Contos de Ifá¹

Natália Farias Menelau de ALMEIDA²
Universidade Católica de Pernambuco, PE

RESUMO

O presente trabalho pretende fazer uma análise do “Contos de Ifá”, premiada plataforma de jogos de promoção da identidade negra roteirizado através da mitologia afro-brasileira como uma ferramenta de resistência tecnológica. Procuramos mostrar como o Ilê Axé Oxum Karé, pequeno terreiro de matriz afro-indígena da Umbigada apropriou-se da força das novas tecnologias para fortalecimento da democracia com promoção da igualdade racial. Para tanto, utilizamos o conceito de antropofagia baseado no manifesto antropofágico proposto por Oswald de Andrade em 1928, bem como a crítica política ao pós-moderno e suas ferramentas de dominação.

PALAVRAS-CHAVE: resistência; inovação; cultura afro-brasileira; tecnologia.

INTRODUÇÃO

Conhecido com pessimista digital, o bielorrusso, Evgeny Morozov acredita que não é possível avançar no debate tecnológico sem levar em conta o contexto histórico, social e econômico mais amplo das duas últimas décadas. Para o autor, quem domina tecnologia mais avançada também domina o mundo. Os dados - e os serviços de inteligência artificial que eles ajudaram a estabelecer - vão se constituir em um dos terrenos cruciais dos embates geopolíticos deste século. Até agora, os principais competidores são os Estados Unidos e a China, os dois países com setores tecnológicos mais avançados. Dessa forma, o resto do mundo está à deriva diante do pós-capitalismo tecnológico dominado por esses dois países. Como o terceiro mundo poderá competir com o discurso sedutor do Vale do Silício? Em um mundo em que escasseiam algum vínculo social nada mais encantador que oferecer um serviço mais direto, eficiente e barato, portanto, como competir com a Uber, Walmart, Airbnb, por exemplo? Já o que os serviços prestados por essas start-ups são, de fato, uma alternativa aparente à crise neoliberal. Sobre o tema Morozov acrescenta:

¹ Trabalho apresentado no DT 7 GP America Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Indústrias Criativas da Unicap, e-mail: nataliafmdealmeida@gmail.com

[...]o êxito do Vale do Silício tornou-se a narrativa preponderante do próprio capitalismo contemporâneo. No entanto, o argumento do Vale do Silício já não se restringe à retórica da rebelião contra os interesses consolidados- agora ele também faz apelo à mobilidade social que seria proporcionada pelo setor tecnológico às classes inferiores. A Uber afirma que ajuda os consumidores, que hoje podem pagar menos por seus deslocamentos. O Airbnb alega que ajuda seus usuários a obter um rendimento adicional e, com isso, a enfrentar as turbulências da crise financeira. O facebook afirma que pretende conectar os pobres da Índia e do Brasil à internet. (MOROVOZ, 2018, p.20).

No entanto, é ilusório acreditar no caráter meramente altruísta e inofensivo das empresas de tecnologia. Elas são um bloco econômico poderoso, com interesses mercantis ocultos e projetos de dominação do mundo. Os países de Terceiro Mundo pagam um alto preço pelos serviços vantajosos oferecidos pelas empresas do Vale do Silício. O preço são os dados. Nossos dados! Não se sabe ainda o quão caro é, mas a julgar pelo poder aquisitivo que as empresas do Vale do Silício alcançaram nas duas últimas décadas, dados são muito valiosos. Nos primeiros meses de 2017, quadro grandes empresas de tecnologia dos Estados Unidos-Amazon, Microsoft e Facebook alcançaram um valor maior que o PIB da Noruega, um país rico em petróleo. A Uber, grande defensora da mobilidade e da contestação às elites, é uma empresa de 72 bilhões de dólares. Ou seja, nos tornamos estoques de informações valiosas e as empresas de tecnologia, por sua vez, conceberam formas inteligentes de nos fazer abdicar desses dados, ou pelo menos compartilhá-los voluntariamente.

A história de séculos de exploração econômica sofrida por *nosotros e nuestros hermanos*, principalmente pela Inglaterra e Estados Unidos não acabou. Os Dados são o novo ouro e as veias da América Latina continuam abertas e sangrando. A exploração voltou mais cruel, sorrateira. Imperialismo digital extraído nossos dados com fizeram com nossas riquezas naturais de outrora. Continuamos aceitando “espelhos” em troca do nosso ouro.

O extrativismo de dados impulsiona o desenvolvimento neoliberal como a possibilidade de criação de modelos de negócio baseado na publicidade já que com dados de maior quantidade e melhor qualidade, as empresas conseguem gerar mais publicidade pro usuário.

Enfim, a falácia que a chegada do capitalismo tecnológico traria com a internet um espaço democrático amplo com, finalmente, oportunidade iguais para os países subdesenvolvidos finalmente foi entendida com tal.

Dessa forma, a sobrevivência da democracia depende que estratégias de inovação sejam disputadas por grupos contrários ao neoliberalismo digital e que atuem como protagonistas e não meros consumidores. Uma das tarefas mais difíceis é imaginar um mundo altamente tecnológico, mas ao mesmo tempo livre dos controles do poder hegemônico.

Situado num beco na Rua João de Lima 42, Guadalupe- Olinda/PE, o ILÊ AXÉ OXUM KARÉ é um terreiro de matriz afro-indígena da Umbigada, e, lá existe resistência tecnológica. Ponto de cultura há mais de 14 anos, o local é o berço de iniciativas de educação, tecnologia, comunicação e arte voltada aos jovens da periferia do Grande Recife.

O ponto de cultura é a sede da rádio Amnésia e do Laboratório de Tecnologia e Inovação Cidadã, que oferece cursos gratuitos em parceria com fundações, ONGs e centros universitários. Por ano, são formados, em média, 150 alunos, que chegam por inscrições realizadas na internet. Um dos resultados é o “Contos de Ifá”, premiado programa de jogos de promoção da identidade negra roteirizado com a mitologia afro-brasileira.

Contos de Ifá são laboratórios de inovação cidadã: laboratórios para promoção da identidade negra a partir de games roteirizados com a mitologia afro-brasileira. Além disso, são métodos com base em tecnologia aberta e desenvolvimento ágil de projetos com a juventude negra a partir de experiências em rádios e jogos digitais nas escolas públicas, em pontos de cultura, centros culturais, terreiros, quilombo. Esta tecnologia permite formas de expressar a oralidade como preservadas nas casas de Matriz Africana no país. Este formato pode ser reusado em diferentes culturas tradicionais e saberes ancestral como forma de combater o racismo, o preconceito e intolerância religiosa.

Sem querer romantizar o projeto realizado no Ilê Axé Ogum Karê como grande salvação da democracia brasileira, o presente artigo busca trazer os elementos de resistência e emancipação democráticas existentes na plataforma “Contos de Ifá”. Um exemplo de projeto intelectual ambicioso cheio de inovação de cunho mais radical. Afinal não existe nada mais inovador que sobreviver na periferia do capitalismo no Terceiro Mundo.

Na primeira seção discutimos a ligação do manifesto antropofágico como elemento primordial na construção das narrativas dos Contos de Ifá com uma maneira de politizar o debate tecnológico, abordando, portanto, conceitos de inovação e tecnologia antropofagia.

Logo depois, procuramos articular as críticas do capitalismo pós-moderno, ou capitalismo tecnológico.

ANTROPOFAGIA E INOVAÇÃO: DEVORAR E ABSOLVER

O cansaço de reproduzir arte sempre tomando o estrangeiro como referência, como se aqui não tivesse nada para ser mostrado levou o poeta político, Oswald de Andrade, em 1928 a inaugurar o Manifesto Antropofágico com o intuito de descobrir a identidade genuinamente brasileira sem, no entanto, negar as influências forasteiras na nossa cultura. Oswald queria resgatar a mentalidade pré-lógica as virtudes da sociedade tribal, misturando-se aos benefícios do progresso. Seu ideal era conciliar a cultura nativa e a cultura intelectual renovada, floresta com a escola, num composto híbrido que ratificasse a miscigenação étnica do povo brasileiro e que ajustasse, num balanço espontâneo da própria história, o melhor da nossa tradição lírica com o melhor da nossa demonstração moderna (NUNES, 1990, P.13). O uso de uma "língua literária" "não-catequizada" seria um resumo simplificado do movimento.

A intenção de promover o resgate da cultura primitiva da formação cultural brasileira (cultura indígena e africana) colocando-as em igualdade com a cultura européia com a superação do erro de caracterizar, perante a colonização, o selvagem como elemento agressivo. Existe uma tentativa de superar o Mito da Democracia Racial Brasileira, a partir do reconhecimento que processo de formação da sociedade brasileira não fez por meio de um processo harmonioso de assimilação mútua dessa cultura. O olhar cuidadoso do Manifesto Antropofágico não se opõe drasticamente à civilização moderna e industrializada, mas propõe certo tipo de cautela ao absorver aspectos culturais de outrem, para que a modernidade não se sobreponha totalmente às culturas primitivas.

Nesse sentido, o Contos do Ifá apropria-se da lógica antropofágica porque devora a cultura digital, ou seja, faz a assimilação crítica da cultura alheia à realidade brasileira. A plataforma de jogos traz a oralidade presente na tradição ancestral de matriz africana e no processo de diversidade de atores na construção dos jogos, que

perpassa um intenso debate sobre o respeito às religiosidades, o combate ao racismo, e os desafios socioeconômicos das comunidades periféricas do país.

O olhar para dentro da plataforma Contos de Ifá compreende que a técnica de sobrevivência do Brasil é apropriação. Está mais que na hora do Brasil apropriar-se dos recursos tecnológicos e a partir deles criar narrativas originais que imprimam a ela seu próprio traço. Sair um pouco do lugar de apenas usuário e consumidor de tecnologia. O jogo resgata uma forma de protagonismo tecnológico. A partir do momento que temos o entrelaçamento entre homem e tecnologia a partir do feixe de afetos e capacitação cognitiva com a formação de um modo afro-brasileiro de conhecer, de fazer conhecimento tecnológico.

Nesse artigo o conceito de antropofagia é usado como existência para um resgate próprio da cultura de origens afro brasileiras. A recuperação da identidade africana, com elementos de oralidade, historicidade dos orixás e cultura é a raiz do movimento antropofágico. E o que ele come, então?- A tecnologia. A experiência de transformar um terreiro de candomblé em um espaço que dialoga com os aspectos da cultura digital. Essa é a essência da sobrevivência da cultura. Um ato político.

Incorporar elementos de tecnologia para representar a cultura afro-brasileira como uma sobrevivência é uma devorar, mastigar bem e por fim metabolizar os elementos da cultura digitalmente disponíveis e transformá-los e recontextualizados. Prova que tecnologia e inovação não encontram abrigo apenas Vale do Silício, que desenvolve sistemas complexos de softwares na lógica capitalista de produção. Aqui na periferia do capitalismo existem pessoas organizando saídas inovadoras para sobreviver num mundo neoliberal que nega sua existência. Em entrevista a revista eletrônica Believe Earth, Mãe de Oxum, Ialorixá do Ilê Axé Ogum Karê conta:

A gente vai começar a desenvolver projetos de formação em inteligência artificial, aplicativos para lojas virtuais, programação. É importantíssimo formar novos programadores com o nosso olhar, a nossa identidade. Estamos desenvolvendo oficinas de robótica, de sensores. A onda agora é se apropriar disso para melhorar a nossa vida. A internet criou essa perspectiva. Em vários lugares do planeta tem gente querendo transformar o mundo para melhor, um lugar onde as pessoas possam viver integralmente suas diferenças, respeitando a diversidade. A mudança está nas mãos da juventude e a gente precisa dar perspectiva para esses jovens.(OXUM, BETH. 2018).

Na fala de Mãe de Beth percebemos o caráter antropofágico de apropriação da tecnologia visto antes como algo externo a cultura afro-brasileira e agora é visto com pertencente.

Ainda existe certo preconceito velado em relação às comunidades afro-brasileiras. Como se não fosse possível alinhar tecnologia com cultura africana ou indígena. Colocar o índio no lugar da aldeia voltado a caça e a peça e o negro no lugar de batuques e danças. Apropriar-se da tecnologia, portanto, é uma mesma voz, um grito de liberdade, de protesto ou, simplesmente, de existência e protagonismo.

RESISTÊNCIA TECNOLÓGICA AO CAPITALISMO PÓS-MODERNO

O racismo não é algo natural ao ser humano e muito menos resquício do passado pré-capitalista, mas um produto ligado ao processo de desenvolvimento do capitalismo, uma vez que foi um empreendimento econômico, cultural e político tremendo que usava a “superioridade” da raça branca para justificar a desigualdade social entre brancos e negros. O acúmulo de capital no passado consolida o poder da burguesia, ainda herdeira dos senhores de escravos, e dessa forma, aprofunda-se a exploração da classe trabalhadora.

Como explica Martins (2012, p.456), “numa conjuntura em que o processo de constituição capitalista se efetiva, o trabalho assalariado se coloca numa direção essencialmente excludente, de valorização do trabalhador branco (o imigrante europeu) como símbolo de redefinição social e cultural do trabalho no país.” Neste sentido, opera-se a lógica da discriminação racial como determinante do modo de produção baseado no trabalho livre, que bloqueia a inserção da população negra.

A burguesia desde seu surgimento é dona das máquinas, da tecnologia se apropria de todo o trabalho produzido pela classe trabalhadora, ergueu suas riquezas através da escravidão.

André Gorz advoga que atravessamos um período que coexistem muitos modos de produção. O capitalismo moderno, centrado sobre a valorização de grandes massas de capital fixo material, é cada vez mais rapidamente substituído por um capitalismo pós-moderno centrado na valorização de um capital dito imaterial, qualificado também como “capital humano”, capital do conhecimento. Essa mutação se faz acompanhar de novas metamorfoses do trabalho.

Reconhecemos que o termo capitalismo pós-moderno é genérico e talvez de pouca relevância acadêmica, no entanto, como a finalidade desse artigo é construir, sobretudo, uma crítica ao sistema capitalista neoliberal é importante entender os aspectos de mudança do capitalismo industrial para o capitalismo imaterial e esse será o ponto de partida de considerar a transformação do capital humano.

A economia do conhecimento que atualmente se propaga é uma forma de capitalismo que procura redefinir suas categorias principais. - trabalho, valor e capital e assim abarcar novos domínios.

Os mais otimistas acreditam que a virada do capitalismo pós moderno com o conhecimento como principal "força" de trabalho e ascensão das tecnologias traria acesso a todos inclusão democrática e conseqüente um capitalismo mais igualitário, o qual permitisse trazer a superação do racismo com projetos de igualdade. No entanto, o bielorrusso, Morozv entende que ao entrarmos definitivamente na era na sobriedade digital as plataformas tecnológicas deixam de ser romantizadas pela sociedade e começam a demonstrar os seus aspectos sombrios. Sobre tal assunto comenta:

A tecnologia digital da atualidade ficou evidente, não é apenas ciência aplicada, como ainda sustentam as filosofias mais vulgares da tecnologia. Ela é, na verdade, um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos. Ao insistir nas queixas contra práticas desprezíveis da Uber ou da Alibaba, alguns críticos da tecnologia- há ocupação mais absurda do que essa?- adotam uma visão geral invertida: nossa sociedade digital, quaisquer que seja suas falhas, não é a causa do mundo em que vivemos, e sim consequência dele."

CONTOS DE IFÁ

Nessa seção trabalharemos a questão chave desse artigo: qual a relação de antropofagia e novo capitalismo dentro das características mencionadas nas seções anteriores com a plataforma Contos de Ifá, bem como de que forma este compilado de jogos elaborados por jovens e crianças da periferia de Pernambuco promove uma contra cultura digital, por assim dizer.

O Ilê Axé Oxum Karê, localizado no bairro de Guadalupe em Olinda é uma casa de força espiritual de candomblé tradição nagô. No entanto, além dos cultos religiosos o Ilê também abriga um telecentro que é um ambiente comunitário organizado que

proporciona o acesso ao conhecimento livre através da inclusão digital que oportuniza e liberta. O telecentro utiliza tecnologias livres com o foco na transformação sócio-digital. E foi nesse espaço saudável de tecnologia e cultura que nasceu o Contos de Ifá.

O jogo Contos de Ifá começou a ser elaborada a partir da sanção da Lei 10.639/03, que incluiu no currículo escolar o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. A ideia pretendia oferecer uma ferramenta interativa em que o jogador possa ao mesmo tempo em que se diverte apreender conhecimento, num processo cognitivo que valoriza a ludicidade e busca a quebra de preconceitos com as religiões afro-brasileira.

A plataforma Contos de Ifá – contosdeifa.com – e seu processo de desenvolvimento, de 2010 até o presente. Iniciado com um subsídio do Ministério da Cultura, teve, ao longo de sua história, apoio da Secretaria de Cultura da Bahia, Fundação para as Artes e o Patrimônio Histórico do Pernambuco – FUNDARPE, Fundo Brasil de Direitos Humanos e do Prêmio Banco do Brasil de Tecnologias Sociais. Iniciado como uma alternativa ao modelo de telecentro para acesso à internet, o laboratório contou com diversas fases de produção: oficinas em escolas técnicas da Zona da Mata do Estado de Pernambuco, laboratórios abertos para a comunidade do terreiro para a programação dos jogos educativos e das trilhas sonoras, laboratórios de desenvolvimento de aplicativos para celulares na Universidade Federal do Recôncavo Baiano com alunos de Escola Pública de Cachoeira e São Félix, na Bahia, e processos continuados com dez meses de duração para desenvolvimento de jogos em cursos profissionalizantes realizados no espaço do centro cultural.

Como resultado desse longo processo, o jogo atualmente conta com seis fases desenvolvidas em seu portal web e um, que corresponde a histórias de seis Orixás segundo preservadas pelas histórias orais nas casas de culto de matriz africana, e um aplicativo para Android, que se baseia na história de um sétimo Orixá. Para além do desenvolvimento econômico dos participantes nos laboratórios – que tiveram sua renda ampliada no decorrer dos processos educacionais, fossem monitores ou aprendizes – salientou-se a potência da ferramenta na manutenção da oralidade como presente na tradição ancestral de matriz africana e no processo de diversidade de atores na

construção dos jogos, que perpassa um intenso debate sobre o respeito às religiosidades, o combate ao racismo, e os desafios socioeconômicos das comunidades periféricas do país.



Contos de Ifá é muito mais que um simples jogo desenhado por pessoas de terreiro candomblé. Ele é a representação de inovação e resistência. O estímulo de uma cultura tecnológica antes negada à população marginal da periferia do capitalismo. O site é todo construído em software livre e seu acesso é gratuito. Já observamos ainda que incipiente uma formação da contra cultura digital. Como a transformação do capitalismo humana e dada é o novo petróleo e o poder de controlar a política está na tecnologia. As eleições de 2018 no Brasil com fake news efeitos manadas mostram o poder político e a internet como um terreno de disputa, tal seja a importância de apropriação de discursos tecnológicos, questionamento de algoritmos e dados pode-se expandir o potencial democrático do contra poder. O jogo é político um potencial de mobilização e transformação do status quo com a negação da lógica produtiva capitalista, sanar uma falha uma deficiência uma precariedade reinventar a produção utopicamente vislumbrar um novo mundo.

Mãe Beth de Oxum comenta sobre a importância de disputar politicamente o campo da tecnologia com a capacitação de jovens:

É engraçado isso, muita gente pensa que cultura é pão e circo e, na realidade, não é isso. A cultura ativa o agente político quando não temos apoio, recurso, fomento, políticas públicas para valorizar a gente. A gente coloca a cultura na centralidade das lutas políticas, lutas do território. Coloco sempre nas minhas apresentações que as ruas precisam ser ocupadas, as praças precisam ser ocupadas, os becos precisam ser ocupados. A cultura alimenta a nossa alma. Para nós, o coco, a sambada, são a resignificação do território. Estamos aqui há 20 anos, não vou dizer que foi fácil. Nem será fácil. Teve momentos de a gente ser apedrejado, de a gente enfrentar a polícia. Teve momentos, não – a polícia a gente enfrenta até hoje. Já teve vez de a polícia vir aqui dez vezes numa noite só. De os vizinhos atirarem pedras. De a igreja perseguir. Só não desisti porque a cultura é missão. E a luta não é só macro, é também micro. As revoluções são feitas aqui. É no território que a gente sofre todas as mazelas e também aqui

temos a cidade que queremos. Então é preciso trabalhar esse espaço. E a cultura está na centralidade das lutas políticas hoje.(Oxum, Beth. 2018).

Beth resalta a importância da questão da representatividade de se criar para dentro do universo a sua cultura. O universo que em tese não absorve cultura afro-brasileira. O jogador pode interferir na representação imprimindo o seu olhar do mundo. A América Latina precisa procurar sua identidade. Na periferia do capitalismo, os grupos contra-hegemônicos necessitam diversas formas de se integrar no mundo digital. Por isso, características do movimento antropofágico rompimento com o estrangeiro e o clássico, busca por uma identidade cultural nacional. Uma maneira nova de ser fazer arte. Uma maneira nova de se apropriar das tecnologias. Independência cultural. Transformar a sabedoria popular em ensinamento poderoso com símbolo de devorar propriamente o ato de reintegração de posse da cultura.

A importância do Contos do Ifá não se resume a um projeto que produz games tecnológicos. É uma resistência política com contestação a cultura neoliberal. Ao incorporar a tecnologia e incluir suas histórias do povo, de luta mostrar que existem e que são importantes, já que a lógica do capitalismo continua criando o contraste riqueza/pobreza e aguçando os problemas sociais. Faz parte do papel da educação tecnológica avaliar as consequências sociais das inovações. Vimos que o objetivo do desenvolvimento tecnológico tem muito mais de criar meios para reduzir a demanda por força de trabalho, favorecendo o capital do que aperfeiçoar e melhorar as condições de vida dos seres humanos. Uma verdadeira educação tecnológica passa necessariamente pela preocupação em formas inovadoras que busquem na tecnologia meios de minimizar as injustiças sociais e criar condições para realização plena de todos os agentes sociais e o reconhecimento do outro como sujeito.

O Contos de Ifá venceu o prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, que tem como objetivo identificar tecnologias sociais que promovam o envolvimento da comunidade, transformação social efetiva e possibilidade de serem reaplicadas, implementadas em âmbito local, regional ou nacional. Além disso, as soluções devem ser efetivas nas áreas de alimentação, educação, energia, habitação, meio ambiente, recursos hídricos, renda e saúde.

De agosto de 2014 até maio de 2017 foram contabilizados mais de 40 mil usuários na plataforma. No Facebook, por sua vez, já se somam cerca de 6,5 mil usuários conectados entre escolas, telecentros, pontos de cultura, prefeituras e governos. No geral, a percepção da juventude nos laboratórios de desenvolvimento dos jogos é de que a tecnologia Contos de Ifá resgata a sua identidade cultural, além de trazer oxigênio para a sua educação ao promover formatos espontâneos de articulação do pensamento através de práticas com tecnologias e comunicação. Apesar de o laboratório ter um formato binário (professor/aluno), o jovem sai como co-criador de um produto capaz de transformar a economia num lugar mais social e Humano. O LABCOCO (Laboratório de Inovação do Ponto de Cultura Coko de Umbigada) é um espaço que gera cada vez mais trabalho, renda e oportunidades para a juventude, na perspectiva de formação profissional. É um arranjo produtivo local que desenvolve tecnologias em plataformas, formatos, licenças, softwares livres e Jogos digitais roteirizados com a identidade cultural afro-brasileira.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ilê Axé Ogum Karé é um espaço de resistência tecnológica e isso, por si só é a verdadeira inovação. Sobreviver na periferia do capitalismo com quase nenhum incentivo em arte e cultura. Contar a história da comunidade, dos ancestrais, empoderar as crianças a entenderem que existe espaço na sociedade para suas crenças também. Esses momentos representam a tradução de lutas sociais e materiais específicas - pelo acesso à cultura ou outros recursos - na demonstração e articulação de algo mais. Recuperar o poder da tecnologia como uma força emancipatória, que não se limita ao papel neoliberal que lhe é atribuído pelo Vale do Silício: talvez essa seja a maior contribuição que a sociedade civil pode dar ao atual debate digital. A busca através da tecnologia por meios de minimizar as injustiças sociais e criar condições para realização

plena de todos os agentes sociais e o reconhecimento do outro como sujeito. E essa é a grande contribuição dos “Contos de Ifá” para a América Latina e soluções para cultura contra-hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana. "Multitropicalism Cinematic-Sensation, and theoretical devices". In: BASUALDO, Carlos. *Tropicália: a Revolution in Brazilian Culture*. São Paulo: Museum of Contemporary Art BronxMuseum/CosacNaify, 2005.

GORZ, Andre. *O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção da subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 1990. p. 5-39.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução de Cláudio Marcondes. ed. Ubu Editora. 2018.

A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 1990. p. 5-39.

OXUM, Beth de. Terreiro transformado em polo de inovação leva educação a jovens de Olinda na luta por uma sociedade mais plural [Entrevista concedida a] Alice Souza. *Revista Eletrônica Believe Earth*. 2018. Disponível em: <https://believe.earth/pt-br/mae-beth-de-oxum-cultura-e-poder>. Acesso em: 07.jul.2019